

## OS EXTREMOS DA LATINIDADE\*

---

.....  
\* Discurso proferido pelo Dr. Ion Florou, por ocasião do evento "Os Extremos da Latinidade", no campus da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 26 de junho de 2001.



---

## Ion Floroiu\*

É para mim motivo de grande satisfação participar desta mesa redonda sobre os Extremos da Latinidade.

Desejo expressar os meus sinceros agradecimentos à Universidade Mackenzie, ao Magnífico Reitor Cláudio Lembo, à professora Monica Herman Caggiano por haverem organizado este seminário sobre os extremos da latinidade e pelo convite que me foi dirigido para participar desta reunião.

Saúdo e agradeço a todos os participantes deste importante seminário.

Em primeiro lugar, gostaria de ler a mensagem enviada pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da Romênia, Ion Iliescu, aos participantes deste seminário.

Gostaria de falar um pouco sobre a gênese do povo romeno e sua latinidade, bem como sobre as relações romeno-brasileiras.

Os romenos são os descendentes diretos da simbiose do povo dácio e dos romanos. O povo dácio habitou ininterruptamente o espaço carpático, a planície do baixo Danúbio e o litoral do Mar Negro desde tempos imemoriais.

Incorporada ao Império Romano no ano 107 d.C., a Dácia foi uma das mais prósperas províncias romanas, donde o epíteto de Dácia Felix.

A Romênia de hoje está localizada no sudeste da Europa, fazendo fronteira com a Moldávia, Ucrânia, Húngria, Iugoslávia, Bulgária e o Mar Negro.

A Romênia, que o Brasil conhece ainda pouco, apresenta um relevo diversificado, mas harmonioso, recursos naturais, um folclore rico em mitos e lendas, músicas e danças, uma educação e uma cultura primorosas, conforme o testemunho de estudiosos e viajantes estrangeiros.

Entre os cerca de 50 países europeus, a Romênia é uma nação de porte médio. Sua história e civilização foram marcadas pela localização, no cruzamento de três regiões principais – a Europa Central, o Leste Europeu e os Balcãs, não

---

\* Embaixador da Romênia no Brasil.

pertencendo a nenhum deles, mas compartilhando seus aspectos tanto negativos como positivos. Em primeiro lugar, os romenos são na região os únicos descendentes dos romanos orientais, e nasceram, como os outros povos latinos europeus, no primeiro milênio depois de Cristo.

O povo romeno descende de dois grandes povos da antigüidade: os Geto-Dácios e os Romanos. Os Getos, sobrenomeados pelos romanos Dácios, pertenciam à grande família trácica e chegaram às regiões Carpato-Danubianas pelos fins do período neolítico (2000 a.C.).

Famosa por causa da extraordinária riqueza do seu solo e subsolo, a Dácia era uma das regiões mais povoadas do mundo antigo. O grande historiador Heródoto dizia que “os Getos são os mais bravos e os mais justos entre os Trácios”, especialmente por sua crença na imortalidade da alma. O desprezo pela morte e pelo sofrimento e a certeza da imortalidade eram os elementos característicos da religião Geto-Dácia e estão presentes nas lendas do povo romeno de hoje.

Sofreu várias influências dos Cimérios no início do primeiro milênio a.C., depois dos Citas iranianos que trouxeram a influência do Oriente Próximo e dos Celtas. As culturas desses povos foram assimiladas pelos Dácios, enriquecendo-os.

A Dácia mantinha, nos últimos séculos do primeiro milênio a.C., relações comerciais e culturais com a Hélade e era um ponto de contato entre vários mundos, especialmente entre a Ásia e a Europa.

O reino dos Dácios estendia-se, no reinado de Burebista (século I a.C.) desde os montes Balcãs e a Boêmia até o Tissa e o Bug.

O exército dos Dácios era considerável e forte, por isso os Romanos começaram a inquietar-se. No primeiro século a.C., eles encontravam-se às margens do Danúbio, tomando-se quase inevitável um conflito entre Roma e a Dácia, ou que aconteceu no início do segundo século d.C. Decebal, o último dos grandes reis dácios, compreendeu que, para vencer o exército romano, era necessário assimilar a sua civilização e estimulou a romanização da Dácia, pois muitos Dácios já falavam latim.

Depois da terceira guerra daco-romana em 105-106 d.C., o imperador Trajano transformou a Dácia em província romana. Com o ouro e o sal-gema da Dácia as finanças de Roma ficaram salvas. Foi um dos períodos mais gloriosos da história romana.

Trajano organizou a colonização da Dácia, que teve enormes conseqüências para o futuro do território. Com as legiões de Trajano, o Ocidente latino penetrou nessa região. A população dácia misturou-se com os colonos romanos e a assimilação da sua cultura foi rápida. Os Dácios aprenderam o latim e abraçaram imediatamente o cristianismo.

A romanização dos Dácios continuou também depois da evacuação da Dácia pelos romanos por volta dos anos 275-279, por causa das invasões bárbaras. Isolada de Roma pelas várias vagas de invasões bárbaras, a Dácia procurou apoio no outro lado do Império Romano, em Bizâncio, a nova Roma do Oriente, conservando o contato com a latinidade.

Quando os eslavos chegaram, a partir do século V d.C., a região do norte do Danúbio chamava-se “Romania”. Apesar da supremacia dos Eslavos, que se instalaram na região, a população autoctone – daco-romana – os assimilou e fundou, no território da Dácia, no século XI, os primeiros principados romenos que tinham conservado todas as características dos Dácios e falavam uma nova língua latina: o romeno.

Os romenos, cercados por eslavos, são o único povo românico que conservou a memória romana que se reecontra no próprio nome da Romênia, único país latino na Europa Central e Oriental.

Na confluência das fronteiras de vários reinos e impérios poderosos, o território romeno foi, ao longo da história, uma área de disputa e interferência. Mas, apesar de seus grandes vizinhos, os romenos sempre conseguiram preservar a linguagem, a fé religiosa e a cultura, praticando a fidelidade cultural.

A cultura latina implantada na Dácia por colonos, administradores e soldados romanos floresceu de maneira tão eficaz que os romenos de hoje se orgulham do seu passado simbiótico.

A língua romena, falada por mais de 30 milhões de pessoas, na Romênia e na Moldávia, mas também em vários outros países, é uma prova do valor inconfundível deste povo latino que são os romenos de nossos dias.

Um destino diferente nos aproxima – brasileiros cujos antepassados levaram, há cinco séculos, o idioma latino a terras que nem os romanos supunham existir nem em sonho ou em mitos, e romenos, os descendentes daqueles que há cerca de 2000 anos plantaram, para além do Danúbio, e no coração dos Cárpatos, a língua latina que nenhuma tempestade da história conseguiu desenraizar. O mais visionário dos gênios do mundo romano – seja ele Júlio Cesar ou Virgílio – nunca poderia imaginar que na selva do Amazonas se iria falar uma língua que nasceu nas margens do Tibre, nem que os descendentes das legiões trajanas e dos pastores dácios poderiam assumir e preservar, como a mais sintética definição da sua identidade, a lembrança perpétua da Cidade Eterna – Roma.

Todavia, foi assim que aconteceu. A permanência da civilização latina nas embocaduras do Danúbio e nos vales dos rios das montanhas da antiga Dácia é um fato tão singular, que os cientistas denominaram-no de “um enigma e um milagre”. Um enigma e um milagre é também o fato de sob as constelações do Sul, mal adivinhadas pelos astrônomos da antigüidade, floresceu uma civilização que soube incorporar e exprimir o infinito fascínio do continente sul-americano na limpidez conceptual e rigorosa construção duma língua latina.

Que incrível força será que teve esta identidade latina para continuar a sua expansão muito tempo depois de a púrpura do Império haver extinto – tal como um astro cuja luz chega até nós muitos séculos depois de a própria estrela estar extinta? Que inigualável criatividade lhe foi dada para gerar formas sempre novas, mas sempre estruturadas sobre a mesma essência originária?

Os romenos são latinos por gênese, por idioma, por cristianismo, por sistema normativo, por hábitos, tradição, cultura e civilização.

Quando Darcy Ribeiro afirma, com uma onda de desafio, que o Brasil representa uma nova romanidade, “melhor, pois foi lavada em sangue índio e em sangue negro”, ele pronuncia uma verdade fundamental, válida para toda a latinidade, nas suas formas sempre variáveis e sempre perenes. “Nós somos a nova Roma”, escreve ele.

Ao ser, de qualquer forma, a maior das nações neolatinas graças ao seu número de habitantes, o Brasil passa a chegar à frente do mundo neoromânico também graças à sua criatividade artística e cultural. Ele tende a florescer no futuro como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, pois é mais tolerante. Mais generosa, pois está mais aberta à convivência com todas as raças e com todas as culturas.

É assim que se explica o aparente paradoxo da abertura para a modernidade que representa uma característica dominante do universo de origem latina. O recurso à história e à tradição, que a latinidade materializa, nunca representou, nem na cultura brasileira, nem na romena, um alibi da estagnação ou uma justificação da vivência no passado. Antes pelo contrário, a latinidade representou o principal vetor da nossa conexão ao mundo europeu, o principal argumento do progresso rápido, a expressão privilegiada da vocação da modernidade. É por isso que talvez não nos deveriam surpreender as confluências culturais que conferem ao relacionamento entre a cultura romena e a brasileira uma luminosidade à parte.

Aquilo que deve ser evidenciado é a força de penetração das obras brasileiras na consciência cultural dos romenos. Foram traduzidas em romeno neste segunda metade do século mais de 50 obras culturais brasileiras. Em comparação com a enorme riqueza da literatura brasileira de hoje em dia e de sempre, o número das traduções nunca será suficiente. As tiragens dessas traduções, geralmente de dezenas ou centenas de milhar de exemplares, todas esgotadas pouco tempo após a sua aparição, constituem um testemunho da capacidade do público instruído da Romênia de absorver a fascinante experiência brasileira.

Num outro plano, o das grandes correntes culturais, romenos e brasileiros se reencontram dentro da mesma audaz posição de assumir a modernidade. O fato de a vanguarda iconoclasta da cultura romena do período entre as duas guerras mundiais ter suscitado uma resposta decisiva no Brasil, e de a Semana da Arte Moderna de 1922 ter transformado as mais ousadas, as mais subversivas formas da modernidade dos romenos Tristan Tzara, Eugen Ionesco, Marcel Iancu, no fermento duma radical inovação dentro da cultura brasileira, fica um argumento tão sólido para as afinidades existentes entre nós como o “argumento Manoilescu”.

A Semana de Arte Moderna de São Paulo (de 13 a 17 de fevereiro de 1922) foi uma revolução intelectual que impactou profundamente todos os aspectos artísticos, sociais e políticos da vida brasileira, dando início a uma época de autoconfiança nacional.

Ao contrário do que ocorreu nos outros países latino-americanos mais ligados aos movimentos simbolista e parnasiano, o modernismo brasileiro teve a sua origem no Dadaísmo e mais especificamente no manifesto do romeno Tristan Tzara. A proposta dadaísta recebeu uma entusiástica acolhida no Brasil e vive ainda hoje na irreverência e na tentativa de buscar um sentido para a grande aventura da civilização ocidental d'aquém e d'além mar.

O argumento político-econômico em favor da industrialização no Brasil só veio a ganhar substância com a Teoria do Protecionismo do grande economista romeno Mihail Manoilescu, cujo livro foi publicado em português em 1931 e distribuído na época como uma espécie de bíblia do protecionismo.

O prestígio de Emil Cioran ou a importância da obra de Mircea Eliade se seguiram a estes primeiros contatos reforçando-os. Creio que posso afirmar que a despeito da distância que nos separa no espaço, as nossas culturas se aproximam e entram em diálogo de alto nível, na mais rarefeita e mais dinâmica zona da autêntica modernidade.

Libertada da ditadura comunista graças à Revolução de 1989, a sociedade romena reencontra hoje em dia a sua latinidade como um fundamento da sua presença numa Europa de liberdades e de lei. Não se trata de um caminho fácil, e as dramáticas dificuldades do dia-a-dia correm sempre o risco de ignorar a dimensão cultural e espiritual desta inscrição na modernidade.

Como se sabe, o povo romeno sofreu durante meio século uma ditadura comunista. Se apreendemos algo de essencial no inferno do qual acabamos de sair, trata-se do fato de a dimensão espiritual do mundo continuar a representar a matriz do progresso.

Não nos desprendemos da opressão comunista, que misturou num caos tóxico os mais brutais elementos do materialismo surdo e cego com uma mitologia prefabricada e vazia, para nos precipitarmos num consumismo sem fronteiras. Não nos libertamos do cinzento uniforme do campo comunista para nos podermos afundar, novamente anônimos, no barulho ensurdecido e nivelador de um mundo que, pelo amor dos meios, corre o risco de se esquecer dos objetivos. Tanto a Romênia como também o Brasil, se confrontam hoje em dia com os desafios de um mundo em vias de globalização.

Nutro a convicção de que nós não vamos nos dissolver na civilização pós-moderna; nutro a convicção de que também a profundidade da latinidade romena, assim como o amplitude sem igual da latinidade brasileira oferecerão a estrutura, a vocação e os recursos de uma adaptação criadora da nossa identidade ao mundo pós-industrial.

A energia da América Latina, desta Roma "mais alegre e mais tolerante" do que a das origens, está por irromper no novo século. Depende de nós para que esta energia leve a um arco voltaico de um extremo para o outro do universo de tradição latina e transforme as afinidades existentes entre os romenos e os brasileiros numa cultura da colaboração e da criação compartilhada.

As relações entre a Romênia e o Brasil têm mais de um século de existência, tendo sido estabelecidas oficialmente em 2 de outubro de 1880, três anos após a proclamação da independência do Estado Romeno.

Os primeiros consulados brasileiros na Romênia foram abertos em 1914 em Bucareste, e em 1919 em Galati. A Romênia abriu o seu primeiro consulado honorário no Rio de Janeiro em 7 de janeiro de 1928 e no mesmo ano começou suas atividades a Legação romena na capital do Brasil. No ano seguinte iniciou suas atividades a legação do Brasil na Romênia.

As relações bilaterais tornaram-se muito intensas entre as duas grandes guerras, quando se falou da instalação na Romênia de um entreposto permanente de mercadorias brasileiras, destinadas ao Oriente, tema retomado durante a visita oficial do presidente da Romênia ao Brasil no mês de julho passado.

Vários acordos em todos os campos de atividade foram assinados ao longo desse século.

Interrompidas durante a Segunda Guerra Mundial, em 5 de março de 1942, as relações diplomáticas foram retomadas em 22 de março de 1961, sendo elevadas ao plano de embaixada em 9 de maio de 1974.

A mudança do regime político na Romênia, em dezembro de 1989, oferece condições favoráveis às relações entre os dois países em todos os campos da atividade.

No âmbito deste seminário, queria submeter à apreciação dos ilustres participantes, a possibilidade de ser criado, à imagem da Academia da Latinidade, um "Grupo dos países latinos" nas organizações internacionais (ONU, UNESCO, OMC etc), e mesmo a associação das universidades dos países latinos, que poderiam se constituir em importantes elos na cooperação entre os nossos países latinos.

### **Mensagem do Presidente da Romênia Enviada pelo Excelentíssimo Senhor Ion Iliescu, Presidente da Romênia, ao Seminário “Os Extremos da Latinidade”\***

Com grande satisfação, saúdo esta manifestação acadêmica que ilustra, de maneira extraordinária, o papel da diplomacia cultural na construção de uma sutil arquitetura da amizade e conhecimento mútuo entre os nossos povos e felicito a prestigiosa Universidade Mackenzie por esta iniciativa. No mês de novembro de 2000, foi organizado em Bucareste, na Casa da América Latina, um seminário com o tema “América Latina e Romênia no começo do milênio. Novas perspectivas econômicas”. O Seminário reuniu distintos representantes diplomáticos da América Latina e personalidades marcantes da vida pública romena.

No dia 16 de março de 2001, houve uma nova manifestação, por iniciativa do Grupo dos Embaixadores Latino-Americanos e do Caribe (GRULAC) e organizada pela Academia Romena, pelo Conselho Nacional dos Reitores e pela Casa da América Latina, instituição única na Europa Central e Oriental, com vocação diplomática e cultural, mas aberta a todos os domínios que possam divulgar a imagem da América Latina na Romênia, subordinada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros da Romênia. O Seminário intitulou-se “América Latina e Romênia no início do milênio. O papel da diplomacia cultural”. Nessa ocasião, o Embaixador Jerônimo Moscardo tornou-se novamente um campeão de idéias que me dá prazer citá-las: “A Romênia aparece-me do outro lado do Atlântico como o mais profundo que a Europa possui no campo da cultura”. Para Sua Excelência, a Romênia é “uma grande potência cultural do mundo contemporâneo”.

O fato de o mundo acadêmico brasileiro ser solidário em torno da idéia de que os latinos pertencentes a romanidade oriental são parceiros ideais dos latino-americanos, dos brasileiros, habitantes do mais amplo espaço da latinidade contemporânea, nos faz crer que este pensamento é o resultado de uma apreciação profunda dos valores do povo romeno.

Para nós, São Paulo representa um paradigma do dinamismo econômico do Brasil contemporâneo, o quinto estado do mundo em dimensão, uma das maiores potencialidades econômicas do momento. E não podemos deixar de mencionar que em São Paulo, no início dos anos trinta, do século XX, foram traduzidos pela primeira vez os livros do economista romeno Mihail Manoilescu, muitas de suas idéias identificando-se com o pensamento criativo do mundo dos negócios e universitário da maior cidade brasileira, verdadeiro motor do desenvolvimento industrial do Brasil. E se eminentes personalidades brasileiras, como Fernando Henrique Cardoso,

\* Seminário realizado na Universidade Presbiteriana Mackenzie em 26 de junho de 2001.

distinto intelectual e Presidente do Brasil, ou Celso Furtado, um dos grandes economistas do século XX, conheceram o pensamento teórico do economista romeno, cujos ecos encontram-se nas páginas dos volumes destes protagonistas da teoria econômica do Brasil, não poderíamos deixar de nos sentir mais próximos do destino do Brasil, país-continente, fascinante e perturbante, uma “Roma tardia, mulata e tropical”, como escreveu o grande antropólogo Darcy Ribeiro.

Uma ilustração da aplicação das virtudes da diplomacia cultural é representada pela visita à Romênia de um grupo de distintas personalidades brasileiras, no final do mês de abril de 2001. Enche-me de prazer citar os nomes do então Presidente do Supremo Tribunal Federal do Brasil, o Senhor Ministro Carlos Mário Velloso, do Reitor da Universidade Mackenzie, o Senhor Cláudio Lembo, dos irmãos Martins – o jurista e professor universitário Yves Gandra da Silva Martins e as iluminadas figuras dos dois pianistas de renome internacional, João Carlos e José Eduardo Martins. E ainda, não esquecer a Senhora Professora Monica Herman, igualmente brasileira e romena, especialista em ciência jurídica.

Pode ser que nada seja mais útil para os latinos orientais e os latino-americanos do que prospectar a capacidade, ainda não utilizada, da espiritualidade latina no mundo contemporâneo, suas virtudes diversas, político-diplomáticas, econômicas, culturais. A inteligência gerada por nossas culturas é um fator determinante para o modo pelo qual seremos apreciados e poderemos constituir uma parte ativa no mundo de amanhã. A latinidade é um tema da maior importância para a reflexão, e não se trata somente do espaço lingüístico comum, mas sim do sistema de valores que partilhamos e ao qual cada uma de nossas culturas enriquece com a força de sua própria identidade. A romanidade oriental, específica da Romênia, e a romanidade do Novo Mundo, constituem juntas o espaço em que devemos evidenciar os valores da nossa unicidade, na diversidade.

Como membros da grande família da latinidade, podemos nos tornar os protagonistas da normalidade e da razão, eminentemente latinas. Um espírito especial da América Latina considera a Sabedoria como um traço bem definido da latinidade danubiana. Mantivemo-nos no Baixo Danúbio nas condições mais difíceis de um destino histórico complexo, afirmando-nos ininterruptamente como um marco da identidade e da força de sobrevivência do único povo neolatino que perpetuou o nome de seus ancestrais romanos. Enquanto vocês os brasileiros representam aquela latinidade que ilustra gloriosamente a força de germinação, pelos séculos, do gênio da Roma Eterna.

Reencontremos a Sabedoria e a Justiça, as características dominantes de Roma, e pelo nosso pensamento crítico e criador tornemo-nos os promotores de um novo humanismo, respondendo à globalização destrutiva pela globalização do humanismo e dos seus valores.

A Romênia, no início do século e do milênio, encontra-se em uma nova fase de transformações econômicas e sociais, depois de uma década de buscas e experiências que a conduziram definitivamente à via das reformas, à construção do esta-

do de direito e da democracia, da sociedade civil e da economia de mercado. Estou convencido de que, não obstante as numerosas dificuldades e obstáculos, ela reencontrou o seu caminho e tudo o que devemos fazer no momento é colocar em prática o programa pelo qual o eleitorado romeno nos deu o seu voto no outono de 2000. É um novo começo que desenha já sinais de encorajamento. Nesse sentido, estou otimista.

Tal como sou otimista também quando afirmo que, na alvorada do terceiro milênio, Romênia e América Latina, descobrindo-se e valorizando-se reciprocamente, podem assumir solidariamente um programa comum de cooperação e sustentação, ditado pelas suas identidades latinas, que é o da edificação de um mundo da razão, da justiça e do humanismo.

**Ion Iliescu**  
Presidente da Romênia

